

Publicação em papel: Teixeira, José, 2008, “Língua Portuguesa e as Novas Tecnologias de Comunicação: as dinâmicas da(s) escrita(s)” in *Diacrítica – Série Ciências da Linguagem*, N° 22.1, 2008, pp. 107-127, Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho. ISSN 0807-8967.

José Teixeira
ILCH-Universidade do Minho
jsteixeira@ilch.uminho.pt

Língua Portuguesa e as Novas Tecnologias de Comunicação: as dinâmicas da(s) escrita(s)¹

Abstract

The fascination for modern information technologies is well-known, especially considering the younger generation(s). This evidence implies a lot of consequences generated upon the written forms that are used in the linguistic communication.

This paper claims to show how the uses of new technologies may result in a lot of changes and consequences for the Portuguese written language. Consequently, it results in changes for the Portuguese language as a global language demanding for its place among the most used languages of the world.

Key words: writing (forms and registers); oral language; language registers; SMS messages.

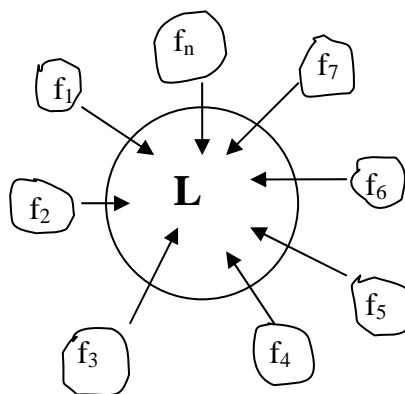
1. “A língua é só uma”: A falácia da unidade linguística

As primeiras visões científicas das línguas naturais, iniciadas com o estruturalismo saussureano e continuadas nas teorias generativistas, partem da ideia de que cada língua é uma estrutura, em si mesma unitária. As suas manifestações serão apenas a parte visível, epifenómenos de uma única entidade com valor, ou melhor, de uma entidade de “valores”, na concepção original de Saussure. Por isso, à fala, à *parole* saussureana não é atribuível papel de verdadeiro objecto da nova ciência a construir. O que interessa é o modelo que é suposto todos seguirem. Desta forma, os usos concretos são vistos como

¹ O texto que se segue retoma, reformulando, a temática presente em José Teixeira, 2003, “O Q É Q É + IMPORTT N1 MSG? (Mensagens SMS e novos usos da escrita), *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, n° 17/1, Universidade do Minho, Braga.

tentativas de imitação do modelo colectivo e assim sendo, à ciência interessará descrever o modelo e não as tentativas individuais diferenciadas.

Num esquema ilustrativo, o círculo central “L” representará a idealização do modelo “Língua”, enquanto as figuras que o cercam representam as tentativas cheias de “imperfeições” das várias “falas” (f_1 - f_n) em imitarem L:



Assim, à língua da Linguística interessarão apenas os mecanismos padronizados que no seu conjunto constituem as regras da norma da língua-padrão.

Como é evidente, o estruturalismo aceitava que não era possível observar o modelo L(íngua) e que só lá se conseguiria chegar através das várias falas. Só que isto traz um problema metodológico: se se quer elaborar L a partir de f_1 - f_n , tem que se decidir o que é que em f_1 - f_n faz ou não faz parte de L. Por outras palavras, se em f_1 - f_n se encontrarem duas regras alternativas uma da outra, qual é que deve ser considerada a de L e qual a que deve ser vista como particularidade não pertencente ao modelo colectivo, mas devida à especificidade individual da fala? E a resposta tendia a identificar o modelo da Língua com a tradição da norma. A pressuposição de que o critério era o estatístico (do género “é da norma o que a maioria dos falantes utiliza”) é uma falácia que não resiste a uma simples análise superficial: em que língua se fizeram estatísticas para decretar as regras da norma? E assim, por muito que a linguística estruturalista sempre se tenha reclamado não subserviente em relação à norma linguística, as suas finalidades sempre foram desaguar na língua enquanto “estrutura”/modelo colectivo padrão. As noções de “erro”, “desvio”, “variantes” comprovam-no.

À primeira vista, o generativismo, ao valorizar a competência e o desempenho do falante, pode parecer ter recuperado a “fala” que o estruturalismo europeu arrumara. No entanto, na prática, a chamada “intuição linguística do falante” paradoxalmente só era válida se o linguista a aceitasse como tal. Caso contrário, punha-lhe um asterisco (uma

espécie de estrela de David em ponto pequeno...) e a forma era “não-gramatical” ou “não-aceitável”. O ideal era ainda o mesmo: construir um modelo ge(ne)rativo das formas “aceitáveis”².

2. Escrita e estudos linguísticos

Por estas e outras razões, a Linguística nunca se interessou especificamente pela língua enquanto uso real, pelos actos linguísticos mais fundamentais, mais comuns e os únicos que verdadeiramente todos os falantes utilizam: a comunicação verbal na oralidade. Sempre foi a escrita a matéria de que a Linguística se serviu para as suas buscas, as suas análises e as suas teorias. O exemplário que serve de base de análise (ou *o/s corpus/corpora* que se vai vendo) é invariavelmente constituído por frases habitualmente de contexto não real, mas inventadas pelo linguista e inevitavelmente obedientes aos códigos do registo escrito. Por isso, como alguém disse, a Linguística tem sido uma espécie de Botânica que se tem dedicado a estudar ... flores de plástico.

Deste modo, a língua que tem interessado à Linguística tem sido sobretudo a língua padronizada, a língua enquanto modelo. Os actos linguísticos concretos, apenas se filtrados pela normatividade (identificada com normalidade) da escrita. E se não se pode questionar que estes são os âmbitos mais sofisticados e mais trabalhados do fenómeno linguístico, também não deixa de ser verdade que uma ciência deve estar aberta à totalidade da realidade que investiga e não apenas a uma parte, por muito aristocrática que seja. Não se podem idealizar os fenómenos: a ciência tem que, na medida do possível, observar o observável e não observar o que antes idealizou.

3. A escrita não espelha a língua

Embora a escrita possa ser vista como o retrato da língua, é sempre um retrato retocado, que limpa os actos orais de muita, muita coisa que os caracteriza. Por isso é que quando a escrita pretende representar verdadeiramente a oralidade, dificilmente o consegue. O texto fica esquisito, “feio”, menos “nobre” que o texto escrito habitual. Fica mesmo repleto de incorrecções linguísticas. Acabará sendo um texto semeado de estrelinhas ou asteriscos da agramaticalidade. Veja-se, a título exemplificativo, um

² Recorde-se que o ideal da Gramática Generativa e Transformacional (pelo menos na sua fase clássica) era construir um modelo de geração de frases que gerasse todas as frases aceitáveis de uma língua e não gerasse frases “inaceitáveis”.

excerto da transcrição de um registo oral (o entrevistado tem 20 anos e possui o bacharelato):

- portanto, pertences a um... grupo de futebol, tens os treinos mais ou menos diários, é?
 - > sim. normalmente. depende de, vá, da qualidade do clube, do cal[...], da qualidade do campeonato que está a disputar.
 - hum, hum, hum, hum. e esse treino, portanto há uma parte que é mesmo igual para todos, então, não é?
 - > é. há o treino conjunto que é
 - ah, pois. [...]
 - > pois, futebol. e há o treino técnico específico, que é jogadas ensaiadas, tipo livres, directos, cantos, e depois há outro treino técnico mas... de, da própria técnica em si, tipo aquilo que eu lhe disse há bocado
- (Nascimento, “Jogar futebol”, CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*)

Mas nem esta transcrição retrata fielmente o registo oral, estando já ela normalizada e simplificada.³ Ora isto não é um “defeito” da escrita. A escrita não existe para espelhar a nossa comunicação linguística. Sendo esta essencialmente oral, só a própria oralidade é a oralidade. A escrita é uma sublimação da oralidade. É a oralidade reflectida, trabalhada sempre, mais ou menos, artisticamente.

A própria história da escrita é, sobre isso, sintomática. O sagrado (“hieroglífico”, no sentido primitivo) e o artístico estão desde as origens indissociavelmente ligados à escrita, tanto egípcia, como chinesa ou árabe. Ainda hoje, as centenas de tipos de letra que podemos ter à nossa disposição num qualquer processador de texto não existem só por razões práticas, mas estéticas.

A escrita, mais do que espelho, é o filtro que olha para a língua e que lhe apara as imperfeições. E só neste âmbito é que deixamos que ela exista. As repetições, os truncamentos, as não concordâncias, as elisões e todos os “defeitos” da oralidade não podem reflectir-se na escrita.

4. A dessacralização da escrita

Assim sendo, a língua da escrita não se pode fazer equivaler à língua oralmente realizada. E se, a esta, a tradição pedagógico-gramatical admitia variações e níveis, conforme os contextos situacionais e pessoais do falante (assim os conceitos de linguagem coloquial, linguagem familiar, linguagem formal, etc...), por tradição, à

³ Como se pode comprovar nas “Normas de Transcrição Utilizadas” publicadas no próprio CD-ROM (Nascimento 2001)

escrita não é admissível que não esteja sempre na forma ideal. Isto levou a que a escrita fosse sempre identificada com as realizações ideais dos actos linguísticos e por isso, ela própria, teria que estar no mesmo patamar de exigência. Não seriam possíveis, por isso, “níveis de escrita”, já que ao contrário do que acontece na oralidade, no processo gráfico não são admissíveis os “defeitos da oralidade (cortes, repetições, não concordâncias, elisões, ...). Por isso, se numa mensagem oral é sobretudo no conteúdo comunicativo que reside a motivação primária, num texto escrito a forma pode contar tanto ou mais do que o conteúdo. Aliás, usualmente é isto mesmo que acontece. Não é por acaso que o domínio das técnicas e das formas da escrita sempre foi um sinal de prestígio social e que a tradição cultural sempre fez da literatura (que assenta na(s) forma(s) da linguagem escrita) o alicerce da educação escolar.

Consequentemente, mais do que espelhar a oralidade da linguagem verbal, o processo gráfico destinou-se a ser um meio excepcional de comunicação. Ao princípio dominado e exclusivo de elites reduzidíssimas. No percurso de três a quatro mil anos que já leva, só nos últimos duzentos é que começou a ser popularizado. E nestes últimos duzentos anos tem servido exactamente para marcar a diferença entre o não escolarizado e o escolarizado e dentro deste grupo hierarquizar os níveis, graus ou patamares de escolarização, que o mesmo é dizer o escalão e estatuto social.

O processo altera-se radicalmente nas últimas dezenas de anos.

A primeira causa reside no facto de praticamente todos os falantes actualmente dominarem a técnica da escrita. O carácter “hieroglífico”/sagrado da grafia vai, pouco a pouco, sendo relegado para segundo plano. Este facto é visível, por exemplo, no decréscimo de importância que a escola (que reflecte a sociedade) dá ao desenho das letras da escrita. A “Caligrafia”, (literalmente “escrita bonita”) que era uma disciplina e um aspecto fundamental para o mestre-escola avaliar a qualidade do estudante, vai gradualmente perdendo importância. O “não ter letra bonita” deixa de ser, na escola, altamente penalizador (mas ainda há poucas dezenas de anos o era!). A escola desinteressou-se do aspecto gráfico na comunicação escrita, de tal forma que mesmo aspectos fundamentais, como a legibilidade da mesma, são secundarizados. Mesmo em situações formais de escrita, como por exemplo num teste na Universidade, muitas vezes o aluno escreve com o mesmo tipo de letra com que tira apontamentos. É mais a-

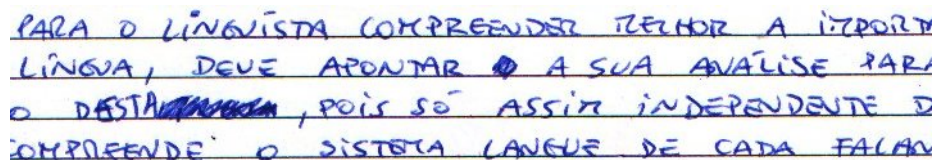
minha-letra do que letra-para-o-outro. Repare-se, a título meramente exemplificativo, numa palavra⁴ que neste caso até não é difícil de conseguir ler:



“nomeadamente”

O que o leitor faz é “adivinhar” as letras: a segunda letra, embora sendo um «c» invertido é para ser lido como um «o», o que deveria ser o primeiro e o terceiro «m» são pequenos prolongamentos da primeira ou da segunda “perna” do «e», o «m» que inicia a sílaba tónica não existe, o «d» também poderia representar «cl» e no «t» o travessão característico é substituído por uma curva.

Aceitar a normalidade deste processo gráfico (normalidade aceite quer por quem escreve, quer pelo leitor) significa exactamente que na grafia tudo é permitido desde que se atinja a finalidade da comunicação. Por isso é que o próprio sistema gráfico pode ser bastante alterado e a escola “nem dar por ela”! Por exemplo, quando não se diferenciam maiúsculas e minúsculas. Há alunos que fazem todo o seu percurso escolar (ou pelo menos a última fase pré-universitária) escrevendo apenas em maiúsculas⁵:



Esta escrita nunca conseguirá representar oposições que a grafia oficial considera importantes, tais como a diferença entre nomes comuns e próprios (*o coelho* e *o [Sr.] Coelho*), a diferença entre realidades objectuais e entidades sociais (*a igreja branca* e *a Igreja*), a diferença entre a globalidade e a particularidade (*a linguística do autor x e a Linguística*) e tantas outras oposições que, por muito que se possa duvidar da sua utilidade fazem parte das regras do código escrito. Para além disso, ao não informar onde começa cada frase (uma das funções visuais mais importantes das maiúsculas na grafia manual), dificulta bastante o processo de leitura. E talvez seja por isso que, neste

⁴ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002)

⁵ Escrita de um teste de Introdução aos Estudos Linguísticos (Setembro de 2002)

caso concreto, o escrevente faça coincidir frase e parágrafo, já que, por norma, não usa duas frases num mesmo parágrafo.

Ora se o aluno fez (com sucesso) todo o seu percurso escolar com esta escrita, é porque a escola a considerou adequada, ou pelo menos, aceitável.

Mas o principal factor da actual dessacralização da escrita prende-se com o facto de se terem alterado os processos físicos da mesma. Esta deixou de ser constituída por materiais físicos sólidos (sulcos na pedra, na madeira, na argila, tinta no papiro, no pergaminho ou no papel) e passou a ser constituída pela diferença de luminosidade apresentada por um ecrã: ao princípio a televisão, depois o computador e na actualidade o telemóvel e instrumentos similares com visor.

É pacificamente aceite que os materiais que se utilizam na escrita acabam por influenciar todo o processo. Se o material é raro, de difícil execução (pedra, argila) ou caro (papiro, pergaminho) escrever-se-á menos, com mais cuidado, muito mais formalmente, já que o acto da escrita é especial, fica dispendioso e é apenas destinado a celebrar grandes momentos. Como é evidente, a simplificação do processo físico acaba por se reflectir na própria escrita. No entanto, esta simplificação nunca atingiu a vulgarização. Nem sequer com o surgir do computador, onde o texto escrito cumpria essencialmente as mesmas funções e se destinava aos mesmos fins da forma clássica em papel. Aliás, a escrita normal num processador de texto destinava-se habitualmente a ser impressa em papel.

O processo só se altera quando o texto escrito não se destina a ser imprimido. Isto começa com a troca de mensagens por correio electrónico, mas sobretudo com as mensagens de troca instantânea em tempo real. Será o telemóvel, em pouquíssimo tempo, a causar uma verdadeira revolução na área das comunicações interpessoais. Ao início, na área das comunicações orais, mas nos últimos anos no âmbito das comunicações escritas.

5. O surgir da escrita SMS

O telemóvel, que foi vulgarizado tendo por finalidade a comunicação oral, vem multiplicar por milhões uma nova dinâmica da escrita individual, constituída apenas por mensagens curtas com um máximo de 160 caracteres e designadas mensagens SMS.⁶ E

⁶ O surgimento das mensagens SMS (*Short Messaging System*) fica a dever-se a uma particularidade secundária das comunicações móveis. Para o bom funcionamento do sistema, é necessário saber sempre o

por que razão este tipo de texto escrito por norma apenas com o polegar se impôs tão generalizada e rapidamente, sobretudo entre a camada mais jovem, conhecida pela relutância relativamente à escrita? Essencialmente porque a escrita SMS é radicalmente diferente da escrita tradicional que a mesma geração está a aprender na escola. E talvez seja por isso que a geração do predomínio da imagem e do oral se está a transformar naquilo que alguns sociólogos já chamam a “generation text”.⁷ E são precisamente as características novas e diferentes que fazem das mensagens SMS uma das novas formas de comunicação social e mesmo a principal forma de comunicação escrita de uma determinada faixa etária.

A primeira diferença reside na instantaneidade do efeito comunicativo. Numa sociedade de mudanças frequentes e vertiginosas, a instantaneidade é um valor altamente atractivo. As mensagens SMS têm esta particularidade, sendo quase simultâneo o processo de escrita e a sua recepção. A escrita tradicional, ao contrário, demora muito tempo a atingir o receptor.

A regra de ouro de o processo de comunicação linguística assentar no máximo de eficácia com o mínimo de esforço favorece as mensagens SMS: quase não dão trabalho, não necessitam de elementos materiais físicos (papel, caneta) para além do próprio telemóvel e todo o processo é muito rápido, já que a escrita de uma mensagem gasta muitíssimo pouco tempo, ao invés da actividade custosa e demorada da escrita tradicional.

Com as SMS atinge-se facilmente o receptor pretendido. Não é necessária a “directão” ou qualquer outro conhecimento sobre a localização de quem queremos que receba a informação escrita.

Um outro grande factor de sucesso das mensagens SMS prende-se com o cerne do funcionamento do próprio fenómeno linguístico: facilitar as interacções sociais. Sendo o discurso oral a forma clássica de interpelação pessoal, ele implica determinados códigos sociais ou sócio-linguísticos que restringem a possibilidade de comunicação. Não é “normal” e por isso não é muito bem aceite socialmente, alguém fazer declarações de

paradeiro de cada aparelho. Assim, os engenheiros puseram cada telemóvel a emitir, segundo a segundo, um determinado sinal informativo sobre si próprio. A antena que melhor captasse esse sinal ficaria encarregada de fazer as ligações a esse aparelho. No entanto, a informação relativa a cada telemóvel ocupa poucos caracteres, restando a possibilidade de o mesmo ficar com cerca de 160 caracteres livres ainda para enviar. Foi a possibilidade de uso desses 160 caracteres que não acarretava praticamente nenhum custo para a operadora de telecomunicações que levou à divulgação generalizada (e lucrativa) das mensagens SMS.

⁷ Ver *Expresso (Vidas)* de 20/7/2002, pág. 42-43.

amor, tentar meter conversa ou mandar piropos a pessoas com as quais não se tem algum conhecimento ou familiaridade. Muito menos se o emissor o tenta fazer com várias pessoas simultaneamente. Mesmo apenas entre duas pessoas mais ou menos desconhecidas, as tentativas de aproximação, através da interacção verbal, envolvem sempre uma componente de pudor que o face-a-face físico acentua. Eu, para saber a receptividade que o outro pode ter para comigo, tenho que me expor à sua presença. Ora as mensagens SMS alteram radicalmente isto tudo. Pode-se falar com o outro(a) sem nos expormos fisicamente; pode-se ocultar a identidade de quem envia a mensagem e podem-se contactar várias pessoas (quase) simultaneamente. O acto linguístico feito através das SMSs foge a muitos dos condicionamentos ilocutórios e perlocutórios de um enunciado, quer escrito, quer em presença. Ou seja, as mensagens SMS embora escritas, não possuem as inaceitáveis limitações do clássico processo de escrita, possuindo todas as vantagens da oralidade sem os riscos da exposição pessoal. Assim como o catolicismo inventou, através da confissão onde o confessor e o confessando não se vêem, um processo em que o penitente expõe a sua interioridade a alguém sem o face-a-face físico, as mensagens SMS também permitem “confissões” íntimas sem o pudor da exposição física. Daí uma das causas do seu grande sucesso, sobretudo entre os adolescentes.

Uma outra possibilidade que as mensagens SMS oferecem é a de permitirem que o seu autor tenha acesso a meios de comunicação tão apetecíveis e com tanto prestígio social como as estações de televisão. Inúmeros programas de televisão (sobretudo os voltados para o público juvenil) passam em rodapé mensagens SMS. Ora “aparecer” na televisão é extremamente aliciante, mormente numa idade em que o dar nas vistas é prioritário. Conseguir que uma sua mensagem, com a sua identificação, passe num programa de televisão é ter a certeza que será lida por muitos milhares ou milhões de pessoas. Por isso é que são tão frequentes declarações de amor em mensagens SMS televisivas: o adolescente considera um enorme prestígio social “aparecer” na televisão e aproveita a oportunidade para cativar quem mais deseja.

Por estes motivos, (e porque só se podem usar 160 caracteres em cada uma) porque são na sua essência diferentes das formas de escrita tradicional, é que as mensagens SMS não sentem obrigação de cumprir os cânones normativos clássicos da escrita. A única função é comunicar e não, como na escrita escolar, mostrar que se sabe comunicar através da escrita. A forma é totalmente secundária em relação à finalidade e ao conteúdo.

6. O conceito de “nível de escrita”

Na continuidade de uma longa tradição em que à língua estudada na aula pouco interessa a língua da rua, o escrevente juvenil sente que a escola não tem nada a ver com a forma como ele tecla.

Perante este fenómeno, a escola pode tomar a atitude tradicional de considerar que a sua missão, no domínio linguístico, é a de apenas impor a forma escrita padronizada e que a comunicação do dia-a-dia pouco interesse terá. Mas talvez fosse uma atitude mais inteligente aproveitar a realidade para fazer pensar e entender o funcionamento das línguas em todos os seus aspectos: quer a língua formal das comunicações escritas tradicionais, quer a língua de comunicação não formal, habitualmente apenas oral mas que agora já começa a aparecer em tipos e formas especiais da escrita teclada.

Esta forma de escrita pode parecer estranha ao professor de língua, mas é altamente atractiva e prestigiante no seio do grupo no qual o adolescente se integra. Em vez de ignorar isto, a aula de língua poderia aproveitar a ocasião para fazer ver que uma língua tem mais do que um estrato ou nível e que cada um dos níveis tem a sua função comunicativa e social. Ninguém melhor do que o aluno para saber por que é que usa aquele tipo de comunicação linguística e não escreve como os autores dos textos que lhe apresentam na aulas. O professor deve, então, fazer-lhe ver que há contextos e finalidades sócio-linguísticas diferentes e que por isso mesmo devemos dominar mais do que um registo ou nível linguístico. Quando a escola não traz para a sala de aula os registos que realmente o aluno usa por os considerar sem interesse de análise e lhe apresenta apenas o registo ideal, quase sempre através do texto literário, faz com que o aluno fique com a ideia que a disciplina de língua da escola não tem nada a ver com a verdadeira língua que ele usa.⁸

É certo que a didáctica da língua, no percurso escolar do aluno, vai fazendo referências aos vários níveis de língua. Só que se entende sempre este conceito como referindo basicamente o nível da oralidade. Até ao aparecimento e uso generalizado das mais recentes formas de comunicação escrita, este registo coincidia com situações

⁸ A ideia de que a língua real de comunicação do dia a dia não tem grande interesse, quer para a escola, quer para a ciência permanece nos alunos até à entrada na Universidade, mesmo naqueles que vão estudar línguas vivas! Num pequeno teste diagnóstico feito aos alunos do 1º ano dos cursos de letras da Universidade do Minho, em Outubro de 2002, perante a questão “O que pensa que a Linguística deve estudar?” diante de três opções, só cerca de 20% escolheu a opção “O funcionamento normal da língua do dia a dia”. A maioria de 80% repartiu-se entre “A língua portuguesa correcta” (60%) e “A língua portuguesa correcta sobretudo a dos textos literários” (20%)!

dotadas sempre de alguma formalidade e não presenciais entre emissor-receptor. Estas últimas formas de escrita alteraram o processo. E por isso talvez seja justificável que a noção de “nível de língua” com tendência a ser (quase sempre) identificado com certas situações da oralidade se possa aplicar à escrita. O conceito de **nível de escrita** poderá ser didacticamente útil na medida em que permite que o professor de língua não escorraça para fora da sala o tipo de escrita que os seus alunos mais utilizam. Só assim terá oportunidade, não apenas de fazer com que se possa admitir dentro da sua especificidade este “nível de escrita”, como, a partir dele, mostrar alguns dos aspectos do funcionamento da próprio sistema linguístico e mesmo até (embora talvez alguns puristas considerem isso escandaloso) corrigi-lo para o melhorar.

Por que não, para começar, tentar aportuguesar este sistema de escrita? Tal como existe, é uma miscelânea estranha, quer para o inglês quer para o português. O aportuguesamento poderia começar por um grupo de pronomes muito utilizado (*que, quem, qualquer, quando, qual*) e que enxameiam as mensagens de “kk”, uma letra ainda um pouco estranha ao nosso alfabeto.

7. Escrita SMS, chates e blogues

7.1 A escrita de polegar

A expressão “escrita de polegar” talvez seja mais adequada do que “escrita SMS”, já que ela indica a forma de escrita responsável pelos processos mais radicais de uma determinada forma de grafia de caracteres. Na verdade, pode escrever-se SMS em teclado de computador, ou seja, nem todos os SMS são “escrita de polegar”.

São precisamente as condições físicas da sua execução (com o polegar num teclado minúsculo e muito limitado em número de teclas) que vão propiciar os processos de maior alteração nas formas de escrita.

As suas principais características decorrem deste facto. As mais visíveis são:

- mensagens muito breves
- os elementos redundantes tendem a desaparecer.
- linguagem coloquial
- mistura do código oral com o escrito
- mistura de palavras em inglês
- predomina a síntese, a sintaxe abreviada

- uso de acrónimos
- eliminação de vogais
- redução do alfabeto: substituição, só por um, de vários grafemas que representam sons semelhantes (x= s, ss, ch, c, ç; K= c, q)
- desaparecimento de muitos conectores e artigos
- a ausência de acentos
- desaparecimento da oposição maiúsculas/minúsculas
- a utilização de abreviaturas
- o uso de ícones, construídos com os sinais extra-alfabeto (sinais de pontuação, parêntesis, aspas)
- a mistura de números e letras

Um exemplo de mensagem⁹:

Texto SMS	Escrita tradicional
oi td bem?	Oi (=Olá), tudo bem?
hj vo ver 1 film co manel	Hoje vou ver um filme com o Manuel
e depoix vamx pra nait pox copx	e depois vamos para a “night” para os copos.

O inglês, para além de língua de prestígio, é língua de referência, quer quanto a processos, quer mesmo quanto a expressões importadas (*Cul8er = see you later; 4ever = forever*). Existem mesmos *sites* que fazem a tradução “escrita normal-SMS” (em inglês: <http://transl8it.com/cgi-win/index.pl>)

7.2. Escrita de polegar e escrita teclada

A escrita simplificada que começou por ser “de polegar”, inicialmente utilizada nas SMS dos telemóveis, vai passar (pelo menos em parte) para outras formas de comunicação tecladas que mantêm algumas semelhanças com as SMS, nomeadamente os chates e os agora universais blogues.

Costuma-se, por vezes, dizer que a tipologia da escrita SMS se deve simplesmente ao facto de o utilizador ter um teclado extremamente reduzido e incómodo e a imperiosa necessidade de utilizar apenas 160 caracteres. Quase sempre, as explicações simples acabam por ser simplistas e não focar aspectos importantes da questão, como neste caso.

⁹ Em anexo, uma recolha.

O que é mais correcto dizer é que as condições em que nasceram as SMS favoreceram o incremento de uma determinada forma de escrita, mais simplificada, com tendência a contagiar a representação gráfica dos discursos da oralidade, concretamente quando o texto vale sobretudo como transcrição da fala (“conversa escrita”) e não como “escrita de raiz (comunicado formal, escrito literário ou científico, etc.).

Exemplos perfeitos disto mesmo são os chates e blogues, onde a escrita é feita em teclados normais de computador e onde não há limites de caracteres. São os benefícios da rapidez e a áurea de modernidade e pertença de grupo que vão estender a simplificação da escrita para muitos dos usos ligados à conversação teclada.

Há que notar, no entanto, que a simplificação da escrita teclada, por oposição à escrita de polegar, é muito menor. As abreviaturas, substituições e demais particularidades SMS aparecem em muito menor quantidade. Ao invés, aparecem outras que vão, não reduzir, mas aumentar a extensão textual. A expressividade das emoções é muito valorizada nestas mensagens que pretendem, na medida do possível, espelhar mais a oralidade, incluindo, nas mesmas mensagens, aspectos contextuais ligados aos estados emotivos do emissor:

😊Foi mto bom [...] 😞Eu e Carla desapontadas

Todos os “dicionários” de SMS (e encontram-se vários, quer na Internet, quer mesmo em papel¹⁰) têm uma listagem destas formas icónicas:

- :-) (sorrindo)
- (-: (também a sorrir)
- :) (sorrindo sem nariz)
- :') (chorar a rir)
- :-() (rir de boca aberta)
- 8-) (sorrindo com óculos)
- [:-) (a sorrir com walkman (a ouvir música))
- ;-) (piscar olhos)
- :-* (beijo)
- :-((triste)
- :'-((a chorar)
- :-O (espanto)

(Dicionário SMS, portal SAPO.pt¹¹)

A complexidade dos ícones pode ser muito diversificada:

🏠 / e tu 🍌 ./ os 🍌 / 🍅 / carlos. 🍌

¹⁰ Benedito, Joviana, 2003, *Dicionário para chat, SMS e e-mail*, Edições Centro Atlântico.

¹¹ http://ajuda.sapo.pt/comunicacao/sms/utilizacao_do_servico/Dicion_rio_de_abreviaturas_SMS.html

e muitos outros do género, para retratar alegria, tristeza, vergonha, sonolência, raiva, medo, carinho, etc.

Ou seja, é mais importante para o escrevente transmitir o seu estado de espírito do que o reconhecimento, pelo receptor, da competência no domínio do sistema gráfico tradicional.

A informação sobre os estados emotivos do emissor, para além de elementos icónicos como estes, serve-se igualmente (e com bastante frequência) de uma particularidade que contradiz o cerne do processo: em vez de escrita simplificada e reduzida temos uma “escrita prolongada”. O processo consiste em repetir algumas letras (normalmente da sílaba tónica) para espelhar determinados aspectos de intensidade emotiva (“miiiiiiiiito feliiiiiiiizzzzzz”; “Beijjjjjiiiiiiinho graaaaaaaande!”; “RRRRRRRRRRRaiva!”)

Estes e outros processos (que aumentam os caracteres que teria a mensagem em escrita canónica) demonstram que a finalidade prioritária da escrita teclada não é tanto o poupar caracteres, mas utilizar um sistema identificador de uma nova forma de escrita que pretende demonstrar identificação de grupo, simplicidade e valorização de aspectos suprasegmentais (intensidade de emoções, criatividade anti-norma¹²) que a escrita padrão não comporta.

7.3. *Novas formas de escrita?*

Pode dizer-se que estas formas de escrita representam um código novo ou uma nova modalidade de escrita?

Em boa verdade, não.

Em primeiro lugar, não há *uma* forma de escrita, mas várias.

Não há regras comuns, mas hábitos e tendências mais ou menos implantadas ou popularizadas. Dentro da mesma mensagem ou texto não há uniformidade de critérios. A mesma palavra pode aparecer umas vezes abreviada e outras por extenso; quando a palavra é abreviada, pode adquirir formas várias: *qualquer*= *qquer*, *qquer*, *qlqer*, *qq*, ... Isto implica que o texto final pode conter um grau de desvio gráfico muito grande ou praticamente nulo.

¹² Daí a atractividade que para a publicidade tem este tipo de escrita.

Depois, o código em que assentam (mesmo as mais radicais, na escrita de polegar) é o código escrito tradicional que é respeitado (quando é conhecido) mesmo nos aspectos puramente etimológicos (ato/acto; o «h», que nunca se lê, usa-se; o «m» final, que nunca é consoante, escreve-se, ...). É que, na realidade, o verdadeiro código-suporte em que assentam todas as alterações é o código gráfico tradicional. É ele o cimento que agarra e suporta as alterações mais ou menos criativas, mais ou menos divergentes. E por isso mesmo, as regras mais fundamentais em que assenta esse código não são violadas. A escrita não transforma o paradigma em que se alicerça –etimológico- em escrita fonética. Se o fizesse, pouparia muitos caracteres e facilitaria a vida a quem não domina o sistema tradicional –só que não é esta a sua finalidade.

Questão diferente se porá num futuro muito próximo. Vamos poder escrever com a boca, através dos programas de síntese de fala, a partir dos quais iremos interagir oralmente com as máquinas. Com os telemóveis e outros aparelhos que exijam pequenas sequências orais, a possibilidade já é real, mas será sobretudo com a implantação do processo nos processadores de texto que poderá haver profundas alterações na forma como iremos encarar a escrita. O próximo passo será a construção de programas que transformem o discurso oral em texto padronizado. Como iremos reagir nós e o sistema de ensino perante esta possibilidade? Um discurso oral despreocupado que o computador transformará em texto escrito cada vez de maior qualidade e mais aceitável? Penso que será, então, que o processo tradicional de escrita se deparará, verdadeiramente, com um novo paradigma na relação oralidade-escrita.

7.4. A escrita teclada tem alguma importância?

Estas escritas múltiplas e multifacetadas não serão demasiadamente anárquicas, desregradas, difíceis de perceber e complicadas?

Para quem as usa, não podem ser, já que quem utiliza um qualquer sistema diferente do padrão o faz com a justificação de assim ser mais fácil comunicar. Na verdade, a anarquia (múltiplas formas para o mesmo efeito) é simultaneamente maleabilidade: possibilidade de adaptação a qualquer grau de alteração que os usuários queiram; o desregramento (mais aparente que real) permite a contínua criatividade. Como não há regras definitivas, é possível a contínua busca de novos processos para os fins pretendidos. Cada sistema de escrita só será difícil de perceber (e complicado) para

quem for um iniciado sem qualquer experiência. Mas, rapidamente, qualquer um entra facilmente dentro do “sistema”, o assimila e re-utiliza.

Como não há maior prova do que os factos e as evidências, o uso tão generalizado que, por exemplo, a escrita SMS detém, sobretudo em determinadas faixas etárias, mostra precisamente o seu alto grau de atractividade. Por causa das mensagens SMS, uma geração que praticamente não utiliza a escrita formal aparece, por vezes, denominada como “generation text”¹³. Para além do reconhecimento dos próprios de que escrevem muitíssimo mais SMS do que escrita formal, muitos admitem que a escrita SMS foi importante para adquirirem à-vontade nos domínios escritos (canónicos) da língua.

E para a língua, encarada como entidade cultural e sociológica? Esta deturpação das regras não é perniciosa? Não ficarão viciados nesta forma de escrita os adolescentes, tendo, depois, dificuldade em usarem o sistema tradicional?

É natural que, por vezes, sobretudo em idades de adolescência, a mão fuja para a simplificação. No entanto, a presença avassaladora das formas de escrita normativas e as imposições sociais reporão as coisas no seu devido lugar.

Esta escrita cumpre, assim, finalidades essencialmente comunicativas em contextos de transcrição de oralidade, sabendo os falantes adequar a novas situações de comunicação mais formais outros registos de escrita. Por isso, a necessidade de a escola e a tradição gramatical começar a distinguir (e aceitar como naturais) vários usos ou níveis de escrita conforme as várias situações de comunicação gráfica, à semelhança do que acontece com os níveis (orais) de língua. Só que para a tradição gramatical, a escrita é só uma, já que a mesma tradição encara todas as situações do uso do código escrito como situações formais de comunicação. Se nos últimos séculos (ou milénios) isto assim era, com o surgir das novas tecnologias a situação alterou-se radicalmente, desempenhando hoje, a escrita, funcionalidades diversas e diversificadas relativamente ao cânone tradicional.

Defende-se, portanto, não apenas que nas línguas modernas não há somente uma escrita, mas que a diversidade dos utensílios tecnológicos e das situações de comunicação implicam a aceitação de níveis de maior ou menor formalidade, traduzida em participações de grau variável no respeito pelo cânone gráfico oficial (que deverá continuar a manter-se único).

¹³ A título de exemplo, uma adolescente (13 anos) disse-me que escrevia, por dia, entre 100 mensagens (nos dias de aulas) e 500 (nos dias sem aulas)

Na verdade, pode notar-se já como, na prática, os falantes vão assimilando as novas naturezas da escrita, facilitando no uso do cânone. Ou seja, mesmo em indivíduos dotados de grande domínio do mesmo cânone, aparecem simplificações, contaminações, se quisermos usar a palavra, das formas de escrita simplificada.

Nos *mails* entre colegas universitários há uma tolerância que o registo escrito tradicional não suportava:

- menos cuidado na correcção de gralhas (*é possível; os locais decentes* = os locais decentes)
- abreviaturas (*José Teix; p.ex.; até aos 40; Bjs. H.*)
- uso de ícones: **Dois abraços**☺
- menos cuidado com a distinção maiúscula-minúscula: (início de *mail*= *então era isso... boa pescada me saiu! agora tenho notas do 2º semestre e nada do 1º*)

Mas a principal “utilidade” (se quisermos usar a palavra) que esta escrita (melhor, estas formas de escrita plurais) tem pode passar despercebida de tão óbvia — fundamental— que é: demonstra a vitalidade de uma língua, a sua capacidade de adaptação a novas realidades comunicativas. As línguas mortas ou as línguas a que lhes falte dimensão global não têm uma necessidade tão premente de resolverem os seus conflitos com as novas gerações e as novas tecnologias. São línguas muito mais estáveis, quer na vertente oral, quer na escrita. A dinâmica e a globalização de uma língua acarretam necessariamente tensões de diversificação. A forma de impedir a dispersão linguística não é uma política de proibição normativa das novas formas de comunicação. Isto sempre foi e será inútil. Nas línguas, tudo o que mostra vitalidade e favorece as formas mais prestigiadas de comunicação sempre se impôs e sempre se irá impor. O que há a fazer é reconhecer as novas formas de comunicação prestigiadas pelos falantes, como formas decorrentes da dinâmica da língua e integrá-las dentro dos sistemas aceites. Por isso, penso que para a dinâmica e permanência do português como uma das grandes línguas mundiais da globalização é necessário aceitar que as novas tecnologias de comunicação permitem contextos, instrumentos novos que necessariamente acarretam usos de escrita também novos. Sendo assim, em vez de um purismo que se agarre ao código gráfico canónico e que vê na forma ortográfica tradicional a única forma de escrita aceitável, penso ser útil que a norma, a gramática, a

escola reconheça validade na vitalidade que, para a língua, estas novas formas de escrita demonstram.

Obviamente, não se trata de substituir o sistema gráfico canónico por um qualquer caótico sistema sem regras ou com metodologias de instantaneidade. O cânone sempre será o cânone. Sempre será o traje formal. Só que nem sempre o traje formal é o mais adequado. Por vezes, uma roupa mais desportiva (ou mais íntima) não faz mal a ninguém.

No mundo globalizado, a Internet aparece cada vez mais como um dos campos do jogo das línguas. O prestígio, a importância e a influência que as mesmas línguas querem exercer nas comunicações internacionais e no mercado linguístico é cada vez mais medido. E a percentagem de uso na Internet é, senão o primeiro a ser medido, um dos mais importantes. Ou seja, para o prestígio e imposição, hoje em dia, de uma língua como língua global conta, e muito, por pouco romântico que seja, mais a quantidade bruta dos milhões de usuários do que os monumentos culturais e literários que a história dessa língua possui. Isto implica que para essa importância e para esse prestígio contribui, quer se queira ou não, tudo –mas mesmo tudo—o que nessa língua é escrito.

Um outro aspecto que manifesta a importância da presença das línguas na Web (de tão recente, é muitas vezes esquecido por muitos estudiosos do fenómeno linguístico) é o facto de cada vez mais ser a Rede o mostruário da língua. Quando queremos saber se uma palavra ou expressão está consagrada pelos clássicos, vamos ao dicionário, mas se quisermos saber se ela efectivamente se usa, e inclusivamente se se usa muito ou pouco, vamos à Net. É da rede que se recolhem os textos que actualmente permitem as actualizações lexicográficas, as terminologias técnicas, as bases de dados lexicais, as traduções automáticas. Ou seja, as bases mais importantes a partir das quais hoje se trabalha profissional, empresarial e academicamente a língua são as que são constituídas a partir do que está na Net (embora muita gente ainda não se tenha dado conta desse facto).

É deste uso efectivo que depende o futuro e a imposição da língua na globalização. O resto do mundo só se interessará suficientemente pela língua Portuguesa se ela se impuser no mercado global. Para isso, muito contará o seu efectivo uso e a escrita: não apenas a escrita das grandes obras de cultura ou a escrita diária da imprensa digitalizada, mas igualmente a escrita mais ou menos canónica e oralizante dos nossos *mails*, dos nossos blogues e dos nossos SMSs, que suportam esse novo navegar, que está a mudar as comunicações, as línguas e o mundo. E estou convencido que até

Camões apoiaria este novo “navegar”, que tal como nos tempos de Vasco da Gama é a nova forma para novos descobrimentos.

Fontes referidas

Aurélio (Buarque de Holanda Ferreira), *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (2ª ed.).

Benedito, Joviana, 2003, *Dicionário para chat, SMS e e-mail*, Edições Centro Atlântico.

Nascimento, Maria F. Bacelar, 2001, (Coord.) “Jogar futebol”, CD ROM *Português Falado – Documentos Autênticos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e Instituto Camões, Lisboa.

Querido, Paulo, 2002, “SMS, a nova categoria literária”, in *Expresso-Vidas* (20/7/2002), pp. 42-43.

Teixeira, José, 2003, “O Q É Q É + IMPORTTT N1 MSG? (Mensagens SMS e novos usos da escrita), *Diacrítica Série Ciências da Linguagem*, nº 17/1, Universidade do Minho, Braga.

ANEXOS

Apresentam-se numeradas, a seguir, como base exemplificativa, alguns SMS:¹⁴

1. Oi Sol. És a melhor companhia. ... Bjo
2. OI SOL! ADORAVA Q ACTUASSEM EM PORTUGAL BRYAN ADAMS E BONJOVI, HÁ MUITO QUE NÃO VEM CÁ.BJOS
3. ... Sou maluka pelo clip e pela musica ...
4. oi ppl!! Eu curtia bue de ver o EMINEM actuar em Portugal.fikem bem!AMO-TE DIANA!
5. GOSTO MUITO DO SOL GOSTARIA QUE FIZESSE UM PROGRAMA DE MUSICA DE DISCOTECA AMO-TE MT VANDA.
6. Oi voces são os melhores ... Um jinho para ...
7. (Kika,Estoril) Nunca tive muito tempo separada de qq namorado meu...
8. Tudo bem pple?passem um special...
9. Oi ppl do sol! Gostava mt k passadem cenas d smoke city! Um bj mt grand pa td o ppl d telheiras!
10. O melhor vidio-clip do momento é korn, pf passem mais sobre eles. Parabéns a sol musica, 1 abraço p/todos vos.Amo-t liliana
11. ... odeio-t zezao, odeio-t duarte! Bedzos
12. Boas ppl do sol, ...
13. UM GRANDE BEIJO PRA TI ... ADORO-TE XAU
14. oi ppl!a minha banda preferida é ... podiam passar mais cenas deles.quero mandar um big kiss pro ANGELBOY e para o ppl do candal

¹⁴ Recolha feita em Agosto e Setembro de 2002 em dois canais de televisão por cabo. As reticências (...) indicam que a mensagem não foi totalmente transcrita.

15. ... tou com vontade de ouvir a musica ...
16. (Bé,Guimaraes) boas pobo!! So passei por aki pa mandar um beijinho a todas as girls k kurtem SLIPKNOT.. AMO-TE NOKAS!!
17. ... JINHOS ADORO-TE
18. ...a todos os motards ke estão...
19. ...o vosso canal é muito fixe...Bjos para o Mac
20. Oi ppl de coimbra...
21. GOSTO MT DO VOSSO PROGRAMA.ABRAÇOS PARA A UNIVERSIDADE DA CERVEJA.CURTO BUE DA WEASEL.
22. Oi ppl!o melhor video...
23. ... Bjx para todos os mkos e mkas que conheço!
24. ... jinhos silvy e um ola migos albertina mario
25. Oi malta, td bem, gostava ... Amo-te mt,mt,mt,mt ...
26. p mim a melhor banda ... bjs escaldantes p a catia
27. EI PESSOAS!
28. OI PPL DO SOL MUSIKA. MELHOR KLIP ...
29. APPOCALYPTICA FOI O MELHOR CONCERTO Q VG NA MINHA 1 QUEIMA DAS FITAS EM COIMBRA.MANDEM MSG MULHERES
30. Oi ppl do c 21! por onde anda o ppl do xat, ... ? fikem bem. SLB4EVER
31. FCP 4 EVER. SLBS NÃO FALEM MAL DO FCP ... BJ P FCPS.
32. (CrAzYmAc amo te mto!jinhos fofos para o ppl da gaf.encarnação.
33. Ois o canal está excelente...
34. kika vê-se mesmo que não pensas. Desde quando é ke 1 jogador ...
35. OI PESSOAL DE PORTUGAL! O MELHOR VIDEO CLIP ..., PA MIM ...
36. Tass, curto mil o vosso canal mas era fixe que passassem bandas como... Abraços po ppl d covas!
37. Olá gosto mt de celin dion, adorava vela em portugal. A sol musica é baril, um beijo pra vos...
38. ... ELES ROKAM MEMO A FORÇA TODA!ABRAÇOS E JINHOX PO PPL DA AMUROSA
39. parabéns granda canal!Bj para o meu mor ...
40. OI PESSOAL DO SOL TD FIXE!GOSTAVA BUE VER UM ESPECIAL "SPLIPKNOT" PLEASE.
41. Oi people do sol, tudo bem?
42. Oi sol, ... adorei ve-los em paredes de coura.Beijos para todo o ppl k lá teve. 1 especial ...
43. OI PPL DO SOL! MANDO ESTA MSG PARA VOS PEDIR K PASSEM ...
44. KERIA DIZER AH FILIPA KE A ADORO!UM OLA PO PPL DE ALMADA
45. Oi ppl do Sol ! curto bués o vosso canal! curtia k passassem ...
46. O vosso canal é altamente...
47. Hail! ... Punk e grunge foreva... Ñ comercializem o punk.
48. ACHO Q ACIMA D QUALQUER SENTIMENTO ESTA A MUSICA POIS ELA ENVOLVE TODOS ELES.JÁ Q FUI INFELIZ N AMOR Ñ M PREOCUPO AINDA TENHO A VOSSA MUSICA
49. (Pika,Braga) oix ppl do Sol!passem... tou mesmo a precisar!passem-na hj.fiko a espera! AMO*TE MARIA JOAO!, 1 grande bj pra ti
50. Quanto aos 4-0 só tenho ama coisa a dizer-SCP 4EVER!!!podia ter levado 20 k eu NNK mudava pa SLB ou FCP!ser SCP é lindo!jinhox pás leas
51. SLB's, FCP, SLB e SCP jogaram contra o CELTA!e so 1a ekipa ganhou!kem foi?kem havia de ser?SCP RULLEEZZZ!!!fikem bm e parem de tc mal do SCP!